



**IX Simpósio Nacional de História Cultural**  
**Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo**  
**1968 – 50 ANOS DEPOIS**  
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT  
Cuiabá – MT  
26 a 30 de Novembro de 2018

**MEMÓRIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS DE EX-INTERNOS DO**  
**HOSPITAL COLÔNIA DE MARITUBA-PA (1940-1970)**

Moisés Levy Pinto Cristo<sup>1</sup>  
Maria do Perpétuo S. G. A. de França<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo é um recorte da pesquisa de dissertação de mestrado em andamento. Tem por objetivo analisar o Hospital Colônia de Marituba/PA como espaço de convivência social e prática educacional no período de 1940 a 1970.

Em formato de instituição total (GOFFMAN, 1974), o local arregimentou centenas de vidas isoladas compulsoriamente por diretrizes de saúde pública nacional e regional para o tratamento de uma endemia, a lepra<sup>3</sup>. Funcionando em formato de

---

<sup>1</sup> Mestrando no programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará – UEPA, na Linha de Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Atualmente desenvolve pesquisa na área de História e educação na Amazônia, com ênfase em instituições educativas na Amazônia. Integra o grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia – GHEDA, do PPGED-UEPA. moiseslevypintocristo@gmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora com Pós-Doutorado em História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Membro de entidades científicas, tais como: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação e Sociedade Brasileira de História da Educação. Coordenadora do Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia (GHEDA). socorroavelino@hotmail.com

<sup>3</sup> Utilizaremos o termo lepra, não no sentido pejorativo da palavra, pois esta palavra que carrega em si um estigma social deixou de ser utilizada a partir da lei Federal Lei Federal nº 9.010/1995, sendo substituída pelo termo Hanseníase. O termo é utilizado fazendo referência aos documentos do período.

Hospital-cidade, abrigou pessoas que foram marcadas por estigmas, memórias, histórias, saberes e experiências sociais e educativas. Ele se constituiu como uma pequena cidade contendo casas, pavilhões, escolas, igrejas, delegacia, prefeitura, hospital e espaços de lazer.

Ao dialogar com a história oral, apresentaremos as narrativas de memórias de uma ex-interna, Conceição Silva, internada na instituição nos anos 50, durante sua infância, e que ainda hoje mora no antigo espaço em que funcionou a Colônia de Marituba. A entrevista contou com um roteiro temático semiestruturado, possibilitando a coleta de pontos de memória específicos para compor este trabalho. Memórias como uma forma de ensinamento, carregadas de sentimentos de um tempo vivido e marcado por alegrias, tristezas e saudades.

Juntamente com as narrativas, também utilizamos como fonte, notícias de dois jornais locais, a Folha do Norte, de 16 de Janeiro de 1942, com o título *O governo da República entregou aos Estado o leprosário de Marituba – A inauguração do Nosocômio*, (p.2), e o jornal O Estado do Pará, de 16 de Janeiro de 1942, intitulado *A inauguração do leprosário de Marituba – como decorreram as cerimônias levadas a efeito ontem*, (p.8). Ambas notícias descrevem os processos de inauguração e imagens sobre o local. Diante do exposto, procuramos lançar mão dos mais variados tipos de evidências (BURKE, 2017).

Como suporte teórico, dialogamos com os autores como Bresciane e Narxara (2004), Bosi (1998), Burke (2017), Goffman (1994), Halbwacs (2003) e Meihy e Holanda (1997), que fundamentarão as análises. O Hospital Colônia de Marituba/PA esteve marcado por ensinamentos e testemunhos de pessoas, que vêm depor daquilo que viram, diante do eu que não viu, revelando experiências de vida de um grupo que foi silenciado pela história brasileira, o hanseniano. Marituba fez parte de um cenário em que a humanidade queria esquecer, mas que por meio da memória, revelam um lugar de experiências, de sociabilidades e práticas educativas.

## **MARITUBA: O TERCEIRO NOSOCÔMIO PARA LEPROSOS NO ESTADO DO PARÁ**

Os fios das memórias, quando instigados, começa a tecer tramas históricas. E em meio a essas tramas, surgem lembranças do Hospital Colônia de Marituba, localizado no Estado do Pará. Terceira colônia, ficava distante 12 quilômetros da capital Belém. O

local foi idealizado por Souza-Araújo – importante médico sanitарista do período. Ele também foi responsável pela idealização do Lazarópolis do Prata, em Igarapé-Açu em 1924, primeira colônia Agrícola do Brasil e segunda a ser criada no Estado do Pará. Ligado a este cenário de segregação, o Estado do Pará também pôde contar com o Asilo do Tucunduba, criado por volta de 1815.

As construções iniciais da colônia de Marituba têm data de 1938, sendo destinada inicialmente a 1000 doentes infectados pela lepra. A antiga cidade-hospital, fez parte da política do Governo Vargas, que nos anos de 1930, construiu asilos-Hospitais para abrigar os infectados pelo mal de hansen. (BRASIL, 1950)

Neste período de governo, somaram-se, em construções e ampliações, um total de 40 hospitais-colônias, dentre eles, o Hospital Colônia de Marituba, inaugurado em 15 de Janeiro de 1945, no estado do Pará, como revela a imagem 1.



**Imagem 1:** Leprosário de Marituba em adiantadas construções em 1938

**Fonte:** Fundação Oswaldo Cruz, base virtual, arquivo BR RJCOC AS-TP-89-051

A Colônia de Marituba, foi edificada perto da vila operária de Marituba. A ocupação das terras que deu origem ao atual município de Marituba, tem origem a partir da construção da estrada de ferro que ligaria Belém-Bragança, aliada a políticas do governo provincial do século XIX que objetivava a colonização das terras, vistas como ricas e férteis para a produção agrícola. (CARDOSO, CORRÊA, 2000)

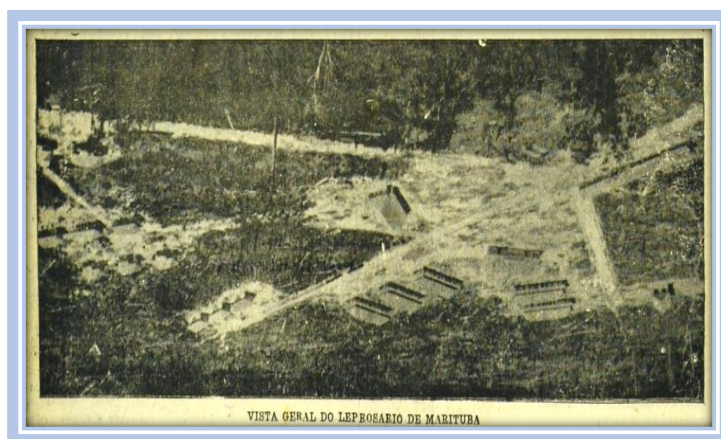
O lugar, como podemos observar na imagem 1, foi edificado a 5 minutos da vila operária de Marituba, em uma área de ½ km de frente e 2 ½ km de fundo, totalizando 375 hectares de terras em mata virgem (Souza-Araújo, 1941). As florestas e rios que demarcariam os limites do leprosário, como podemos observar no horizonte das imagens,

serviriam como barreiras naturais objetivando conter qualquer tipo de fuga do doente (CASTRO, 2017).

A imagem aérea revela o espaço como em formato de leque, limitando a entrada e saída por um único local, lugar responsável por esquadrihar ao máximo o espaço, tempo e o movimento, gerando assim um maior controle de corpos (FOUCAULT, 2014). Esta experiência é trazida em meio as memórias de Conceição Silva:

Eu sei que chamavam aqui cidades dos jambeiros. Que aqui tudo era... jambeiro [...] Eram muito bonitos. Eram de um lado e de outros [...] Lá onde eu morava, era carreira assim [...] E aqui também, essa colônia é no formato de um leque. Não sei se já te disseram isso. Tem um formato de um leque. (CONCEIÇÃO SILVA, 2017)

Esta reminiscência, apresenta o lugar como um espaço bucólico e arborizado por jambeiros, que em períodos frutíferos, proporcionavam longos tapetes púrpuras ao longo das vias do antigo leprosário.



**Imagem 2:** Imagem aérea do Leprosário de Marituba, 1942  
**Fonte:** Jornal O Estado do Pará, 16 de Janeiro de 1942, p.8.

Esta concepção de lugar arborizado e aprazível, ventiladas no início do século XX, estaria ligada a criação de espaços especialmente desenhados para o isolamento compulsório de doentes infectados pelo mal de Hansen, com objetivo de separação de doentes e sadios. Esta separação, proporcionaria a construção de uma Pátria Forte e Desenvolvida, livre de doenças de países subdesenvolvidos. (AMORA, 2009)

Desta maneira, Amora (2009) destaca que as colônias para leprosos assumem uma dupla função: de cidade e Hospital. Obedecendo este formato, na Colônia de Marituba não foi diferente. Sua inauguração foi noticiada pelos jornais da época, como a

Folha do Norte e O Estado do Pará. O leprosário de Marituba foi entregue pelo Governo da República - com a presença de autoridades e imprensa-, por intermédio do Delegado do Departamento Federal de Saúde, o Dr. Valério Konder (FOLHA DO NORTE, 1924)

Para a sua construção, o Governo Federal investiu a quantia de quatro mil contos, sendo construído em uma área vastíssima da vila de Marituba, com terreno próprio para agricultura – espaço pensado em produzir sua própria subsistência.

A inauguração aconteceu as 9 horas da manhã, no próprio espaço, com a presença de D. Jayme de Barros Câmara, Arcebispo de Belém, o qual realizou a cerimônia religiosa no novo prédio. Encerrando os discursos, falou o Dr. Paulo Cerqueira, nomeado como diretor do novo Leprosário de Marituba (O ESTADO DO PARÁ, 1942).

O Hospital colônia de Marituba contou com a seguinte estrutura: 16 pavilhões “carville” – modelos dos Estados Unidos-, 2 pavilhões de crianças, casa germinadas, cozinhas, refeitórios, área para diversão, área de abrigo para a administração, como noticia o jornal:

Tem ótimas instalações de água e esgoto, além de uma usina elétrica. Possui 16 pavilhões “carville” com capacidade para 28 doentes em cada um; 23 casas germinadas para abrigo de casais doentes e dois pavilhões para crianças.

Possui além disso, pavilhões de refeitórios, cozinhas, de diversões. Na zona intermediárias, ficam as casas dos enfermeiros, irmãs de caridade, médico e funcionários da administração. (O ESTADO DO PARÁ, 1942, p.2).

Na zona interna a instituição, as acomodações abrigariam crianças, pessoas solteiras e casadas, respeitando a faixa etária e com separação de sexo masculino e feminino. Havia casas geminadas – construídas de duas em duas - destinadas a quem constituísse matrimônio dentro da instituição, assim como prédios destinados a administração. Na zona intermediária, ficariam localizadas acomodações para os trabalhadores e religiosos da instituição.

## **AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO LEPROSÁRIO DE MARITUBA**

Valorizar as narrativas de velhos<sup>4</sup>, que muitas vezes foram impedidos de sonhar, de se expressar e até mesmo de ensinar (BOSI, 1994), será o ponto de partida. Pessoas

---

<sup>4</sup> O uso do termo velho, está sendo utilizado não no sentido pejorativo da palavra. Este, segundo Bosi (1994), como um sujeito que é guardião de um saber experimentado durante seu percurso de vida.

que além de estigmatizadas, foram silenciadas em favor de ações de saúde pública no processo de construção do estado brasileiro durante os anos de 1930-1940 (FONSECA, 2007). Uma memória que se “oferece, que se submete à história e a ela oferece suporte documental importante para suas narrativas” (BRESCIANI, NAXARA, 2004, p. 11).

Memórias carregadas de sentimentos de um tempo vivido. Memórias que trazem saberes de um passado que é vivificado em cada lembrança trazida pelo sujeito. Memórias que aliadas a imagens, assumem em estudos historiográficos o papel de mais uma fonte, dentre “uma gama mais abrangente de evidências, na qual as imagens têm o seu lugar ao lado de textos literários e testemunhos orais”. (BURKE, 2017, p.17)

Destacamos uma circularidade educacional presente no Hospital Colônia, apontando-o como lugar de transmissão de uma gama de conhecimentos que proporcionam essa relação de ensino e aprendizagem. Um ambiente propenso a socialização de conhecimentos, e estes por sua vez, contribuem na formação do internado. (CUNHA, FONSECA, 2015)

Entendemos também por prática educativa, uma gama de conhecimentos de qualquer ordem, seja ele moral, religioso, técnico ou até mesmo escolar, que permeiem relações em ambientes de diferentes tipos, seja escolar ou até mesmo hospitalar. (FONSECA, 2005)

Esta formação, sócio-educacional, esteve presente durante a estada dos internos da cidade hospital, promovendo o quadriculamento do tempo e atividades dos corpos que estavam ali inseridos (FOUCAULT, 2014). Estas práticas, aparecem nos relatos de Conceição Silva, que destaca o controle no momento de acordar às cinco da manhã, para o início das atividades diárias dentro do leprosário.

É, a minha avó, essa... a vó Doca... ela que era a chefe [...] quando era cinco horas ela chamava a galera, todas! A Ilária e todo mundo cuidava de seus deveres... Agente ia primeiro pra aula. Tinha aula! Primeiro agente ia estudar né? Se acordava quatro e meia... quatro e meia... que era pra fazer o café, acordava duas primeiro [...] Tinha os quartos, tinham que deixar varridos, tudinho... pra depois agente[...] Desde pequenininho. A gente sabia de tudo... tudo era zelado lá. Lá tudo era limpo, lindo, porque ela era muito asseada. Todo mundo... cada um tinha sua agulha, tinha sua linha de costurar. (CONCEIÇÃO SILVA, 2017)

A narrativa apresenta um esquema de planejar os afazeres diários que iriam organizar o espaço em que a intérprete estava morando. A mesma também revela, que

nem mesmo as crianças estavam isentas em contribuir com a sistematização hospitalar. A imagem 3, apresenta um dos pavilhões em que as crianças foram internadas. Na imagem podemos observar a demarcação de separação entre os meninos e meninas. Esta separação entre sexos, ocorriam em outros espaços de moradia e faixas estarias (idosos, jovens e adultos).



**Imagem 3:** Grupo de crianças leprosas e pavilhões coletivos.  
**Fonte:** História da Lepra no Brasil, Volume II, 1948, p.118.

Apontamos a presença, no relato de Conceição Silva, a presença de “Vó Doca”, que seria uma espécie de inspetora do pavilhão das crianças. Também internada, e com bastante experiência, teria sido indicada a coordenar os pavilhões das crianças do sexo feminino. Esta, também ensinava a costurar e outros afazeres artesanais que permearam a vida da interna.

Nos quartos mesmo. A gente ganhava uns lençóis, por sinal tudo branco... eu não suporto coisa de cor branca [...] tudo branco, então ela comprava livro de marca, a minha avó, então ela dizia: “Tu vai fazer isso daqui!” [...] Ela mandava a gente pegar agulha, a linha de marca... sabe que é linha de marca? Sabe né? “Você põe a agulha aqui” [...] Ela ia falando e a gente ia memorizando... conta três fiozinho, põe aqui, a gente era novo e memorizava logo! [...] Foi bordado, crochê, tapeçaria, tudo isso ela ensinava. Corte e costura e tapeçaria era outra pessoa que ensinava. (CONCEIÇÃO SILVA, 2017)

Os ensinamentos a bordar eram ensinados de maneira prática pela responsável do pavilhão. Memorização na contagem do fio do tecido e onde deveria passar a agulha seria fundamental para o êxito no aprendizado. Os bordados aconteceriam em lençóis brancos -cor que deixou trauma na vida da interprete- dados aos internos, que após de



aplicadas as artes, eles ganhavam outra aparência. Estes, em alguns momentos, eram usados em dia de visita.

A escola, também esteve presente nas lembranças de conceição. E aqui as palavras tecem a história de vida, redesenhando o passado para que os olhos de hoje possam ver e conhecer, admirar e aprender (EIRÓ, 2017, p. 93). Acordar cedo, banhar-se e ir pela manhã para a Escola Renausto Amanajás, fizeram parte de sua rotina semanal.

A gente estudava era pela manhã [...] Na hora do recreio tinha balanço, escorrega, né? ... Aquele negócio que faz assim (faz gesto especificando a gangorra)... esse negócio que tinha, e aquele negócio que era redondo assim... Era muito lindo! Não tem fotos desses... era lá atrás.... então na hora do recreio... a gente ia pra lá no recreio... a gente ia nesse local aí. Os professores eram todos daqui, não lecionava gente de fora... só doente... eles eram professor [...] Era o José Queiroz, quem vem ser o José Edmundo de Queiroz, que colocaram até lá na frente (escola na entrada do bairro) [...] Tinha o Renato, e o Cascaes ainda lecionou. Tinha um Jurena, era da alfabetização... Tinha uma professora Maria que foi embora, eram daqui mesmo [...] aqui a gente estudava só até a quinta série, porque a gente não podia ir lá pro ginásio, porque nessa época, né? Ainda não se dizia “Tem cura!” (CONCEIÇÃO SILVA, 2017)

O espaço escolar é redesenhado nas rememorações de conceição. A área de lazer, composta por brinquedos, a intérprete relembra momentos bons do recreio do tempo escolar. Cita nome de professores, todos internos, que lecionaram durante o período de internação, destacando a professora “Jurena” como a responsável pela alfabetização. A escola ofertou o ensino primário, até a quinta série.



**Imagem 04:** Escola primária e igreja do leprosário de Marituba  
**Fonte:** História da Lepra no Brasil, Volume II, 1948, p.117.



A imagem 3 apresenta a escola Renausto Amanjás e ao lado a igreja de Nossa Senhora de Nazaré. No espaço religioso acontecia no segundo domingo do mês de novembro, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Esta festa religiosa seria comemorada nessa data, devido ao fato de os internos não poderem sair para acompanhar as festividades da capital, e desta maneira poderiam acompanhá-lo por noticiários ou jornais, e logo em seguida comemorariam a mesma data, internamente.

A imagem 05, registra o círio do ano de 1970, acompanhado por um grupo de devotos de Nossa Senhora de Nazaré. O espaço é cercado por jambeiros, como podemos observar ao fundo da imagem. Árvores responsáveis pelos chãos de púrpura, outrora comentado.

Outros festejos também maram a cidade Hospital. Os times sempre “jogavam quando tinham festividades importantes, data comemorativa ou aniversário de alguém importante”. (CASTRO, 2017, p. 212)



**Imagem 05:** Time Perseverança.

**Fonte:** Acervo pessoal de Maria Conceição.

A imagem registra a presença de jogos de futebol como mais um momento de lazer coletivo, definidos por Goffman (1974). As disputas ficaram por conta dos Times Perseverança e Nacional, que se apresentavam no campo de futebol São Domingos, que havia dentro da colônia de Marituba. O time Perseverança, da imagem 06, com uniforme preto e branco, conta com a presença do então diretor Chaves Rodrigues. Conceição destaca em seu relato, o time perseverança, o qual seu marido jogou: “Era perseverança e nacional. O nome dos dois. Ele (marido) até jogou bola, tá lí a foto. Aí tinha a recreação aqui. Num tô dizendo que tinha tudo né”. (Conceição Silva, 2017)

A interprete contraíra o matrimônio dentro da instituição. Conheceu seu esposo, que compunha o pavilhão de jovens. Em momentos de lazer, aconteciam as oportunidades de *flerte*. Natural do Amazonas, foi internado quando jovem após identificação da doença.



**Imagem 06:** Casamento anos 70  
**Fonte:** Acervo pessoal Conceição, 2017.

Conceição relembra dos momentos em que já se podia namorar, sob supervisão da zeladoria do pavilhão em que estivesse vivendo, quando alcança-se a idade de 17 anos.

Aí era assim, porque quando ficava jovem, nos seus dezessete anos que eu fiquei lá [...] a gente passava lá, e tinha um pavilhão, o primeiro pavilhão que se chamava assim, os das moças, não dizia assim adolescente. Chamava moças. Aí de lá que a gente namorava, lá já era liberado. Aí a gente se gostava [...] Mas antes de gostar dele, já gostei de outro. Não foi só dele, já teve outro namorado (risos)... Ele que já foi marido. Aí a gente tinha que ir lá com diretor, pra dizer, né? Que a gente ia se casar, justamente pra ele saber, que quando desocupasse uma casa, a gente ia ter a casa. (CONCEIÇÃO SILVA, 2017)

Os pavilhões seriam locais que abrigariam, em sua maioria, os doentes solteiros. Pois, no decorrer da pesquisa, observou-se relatos de haver um pavilhão para internos casados. Após a autorização da direção do hospital, liberando o relacionamento entre os internados, após o casamento, estes deveriam ser direcionados a moradia nas casas geminadas, levando assim uma vida em casal.

Outras apresentações também ocorriam no Cassino da Colônia. No cassino - espaço de diversão-, ocorria apresentações de filmes, pássaros juninos, peças de natal, entre outros eventos, tinham nele, os internos, seu ponto de encontro social. Este espaço,

só possuía os Hospitais Colônias de grande porte (CASTRO, 2017), o que aponta a Colônia de Marituba como um leprosário de grande porte.



**Imagem 7:** Teatro, cinema e cassino da Colônia de Marituba.  
**Fonte:** História da Lepra no Brasil, Volume II, 1948, p.115.

As recordações sobre o espaço aparecem nos relatos de Conceição:

Era, isso mesmo! E tinha o cassino... e nesse cassino vinham os pássaros, de Belém, esses negócios de ... E vinham “pragente” assistir [...] Enchia o cassino. Muito movimentado... era pássaro mesmo de Belém!!! E daqui era pastorinha que faziam pro natal. O nascimento que era de Jesus, aí era bonito. (CONCEIÇÃO, 2017)

As recordações por meio da memória de idosos podem nos ajudar a nos aproximar do passado. Os acervos pessoais do idoso – fotografias e lembranças-, trazem em si marcas que foram guardadas no baú do coração, onde o “sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos”. (BONDÍA, 2002, p.24)

## CONCLUSÃO

Memórias de um passado silenciado vem depor e desenhar aos olhos de quem não viu, um passado singular de uma instituição que não só tratou uma doença envolta de medo e pavor, mas que também educou. Práticas educativas estiveram permeadas na mais diversas relações: cuidados com o corpo, zelo pelo espaço em que morava, momentos de diversão ocorridos no cassino e tantos outros momentos vivenciados neste lugar cultural.

Espaço marcado por uma política isolacionista e segregatória, que ceifou do seio de diversas famílias, vidas infectadas, que foram encarceradas em favor de um plano de desenvolvimento nacional varguista. Histórias de vida, que a sociedade insistiu em não

enxergar, insistiu em apagar da história nacional, esquecendo-os em mais de 30 instituições espalhadas no Brasil.

Histórias guardadas em uma memória havida, quando acionadas, rememoraram tempos históricos silenciados, agora contados de outro ângulo, o do interno. Memória, que pode trazer tudo aquilo que seria necessário enxergar e escutar para tentarmos compreender melhor quem somos, a procura de homens e histórias humanas perdidas.

Memória que vêm apontar diversos aspectos que precisam ser estudados e clarificados. Que estas evidências aqui escritas, sirvam de reflexão sobre um modelo institucional implantado na Amazônia, assim como estimule mais pesquisas sobre a temática, pois muitas são as lacunas históricas sobre a lepra no Estado do Pará. Memórias colhidas e imagens rememoradas, ambas escolhidas para um propósito, reconstituir e contribuir com historiografia amazônica.

Memória, de uma ex-interna, que é guardiã de inúmeros momentos, filtram os vestígios de práticas que educaram, estas, capazes de revelar ao outro, o conhecimento que resulta de sua experiência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes

BRASIL, Ministério da Saúde. **Tratado de Leprologia**. Publicado pelo Serviço Nacional da Lepra. -2ª ed.- Vol. II. Rio de Janeiro, 1950.

FOLHA DO NORTE, Belém, 15 de Janeiro de 1942. Arquivo do setor de Obras raras da Biblioteca Arthur Viana.

O ESTADO DO PARÁ, Belém, 16 de Janeiro de 1942. Arquivo do setor de Obras raras da Biblioteca Arthur Viana.

**Lei** Nº 9.010, DE MARÇO DE 1995. Disponível em:<<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/127430/lei-9010-95>> Acesso em 24 Jan. 2018.

SOUZA-ARAÚJO. Heráclides C. **Relatórios de uma viagem de estudos ao redor da América do Sul: Observações médico sanitárias**. In: Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. Tomo 36, fascículo 2, 1941. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/mioc/v36n2/tomo36\(f2\)\\_99-200.pdf](http://www.scielo.br/pdf/mioc/v36n2/tomo36(f2)_99-200.pdf)> Acesso em 02 Fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **História da Lepra no Brasil**. Vol. II. Período Republicano (1989-1946). Álbum das organizações antileprosas. RJ: Imprensa Nacional, 1948.

## Bibliografias

AMORAS, Ana Albano. **Utopia ao avesso nas cidades muradas da hanseníase: apontamentos para a documentação arquitetônica e urbanística das colônias de leprosos no Brasil.** Cadernos de História da Ciência. Vol. 5. São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-76342009000100003&lng=pt&nrm=iso](http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342009000100003&lng=pt&nrm=iso)> Acessado em 02 Fev. 2018.

BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. **Memória e (Re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** Campinas/SP: Editora Unicamp, 2ª Ed, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade lembranças de velho.** São Paulo: Companhia das Letras, 3ª ed, 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Trad. João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de educação. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002. Pag. 20-28. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acessado em 18 Mar. 2018.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: uso de imagens como evidência histórica.** Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CARDOSO, Jecé. CORREA, Fernando de Souza. **Marituba, Nossa terra, Nossa gente: Um suplemento de informações a maritubenses.** Marituba: Prefeitura de Marituba, 2000.

CUNHA, Paola Andrezza Bessa; FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **Educação e religiosidade: As práticas educativas nas irmandades leigas mineiras do século XVIII nos olhares de Debret e Rugendas.** ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

EIRÓ, Jessiléia Guimarães. **As palavras nas memórias dos mestres: um resgate do coração.** In: FARES, Josebel A (org.). Memória de Mestre: Belém antiga em narrativas de professores. Belém, PA: Editora Paka-Tatu, 1ª ed, 2017, p. 85-132.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir nascimento da prisão.** Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 42ª Ed, 2014.

GOFFIMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1974.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2ª Ed, 2003.

MEIHY, José Carlos Sabe B. HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer como pensar.** São Paulo: Contexto, 2ª Ed, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A Experiência em formação.** In: Revista Educação. Maio/Ago. v.34, n. 2. Porto Alegre, 2011, p. 147-156.